Material sobre Ana das Carrancas

Nascida em 18 de fevereiro de 1923, em Santa Filomena, distrito de Ouricuri, no Sertão pernambucano,à sombra da serra do Inácio, na divisa de Pernambuco com Piauí, sendo batizada com o nome de Ana Leopoldina Santos. Desde menina criou intimidade com a arte, herança de mãe louçeira, com quem aprendeu a moldar o barro que lhe servia de sustento. Aos sete anos, em sua cidade natal, Ana Leopoldina já ajudava sua mãe a fazer louças de barro. Daí ela foi produzindo panelas, bois zebus, cavalos e santos para lapinha. Aos vinte e dois anos, casou-se com um pedreiro, enviuvando quando já tinha duas filhas (Ângela Lima e Mª da Cruz). Um ano depois casou-se com o marido atual, o piauiense José Vicente de Barros, quando morava em Picos.

Migrante, partiu em busca do Rio São Francisco. Crendo muito em seus santos, encontrou-os todos no Velho Chico, a longa estrada de água que se fez abrigo à sua imaginação e criatividade. Logo que chegou a Petrolina pediu a São Francisco das Chagas e a Padre Cícero que mostrasse uma forma de ganhar seu sustento pois em meados dos anos 60, Petrolina viveu uma série crise de barro que obrigou a muitas louçeiras a optarem por outras alternativas para sobreviver.

Ana foi a primeira a enxergar o Velho Chico como a solução para a escassez daquele produto. Foi embaixo de um pé de mussambê, planta típica do sertão, que a história de Ana das Carrancas começou. As feições das carrancas, talhadas até hoje pela artista, foram conseguidas enquanto ela agradecia pelo barro encontrado às margens do rio.

As primeiras peças de Ana das Carrancas, posta à venda na feira livre de Petrolina, foi motivo de piadas dos outros comerciantes. Diziam que era coisa de doida. Foi em 1963, que ela começou a fazer carranca para a inauguração da Biblioteca Municipal, que foi distribuída, como souvenir. "Eu botei o nome de carranca porque carranca é um bicho feio. Eu fazia peça feito um animal com aquela cara feia. A lenda diz que é para espantar os espíritos. Mas faço como um símbolo do São Francisco. Não penso em espírito. Eu, graças a Deus, nunca fui nem em terreiro. Então não devo incutir em ninguém que isso seja pra espantar espírito. Não é que eu ache que não exista. É porque não devo agravar o espírito. Não sei se ele é bom ou ruim. Eles são invisíveis. A gente não está vendo eles, mas eles estão vendo a gente. Assim, não devo atacá-los. Eu faço carranca por amor", relata.

Nas carrancas de Ana, há uma variação no material e forma, mas não perde o zoomorfismo. Há sempre em suas peças uma mistura de

animal e homem; leão, jaguatirica, cavalo, guará e etc. Numa galeria de tipos que segue o ritmo da sua própria imaginação. Há um lento processo na transformação do seu trabalho. A exemplo dos olhos das primeiras carrancas que eram arredondados e depois foi se alongando. O cabelo, varia a forma de trabalho pra trabalho.

Suas carrancas em forma de cinzeiros, vasos, mesas, barcos, numa combinação bastante original. Mas talvez a grande mudança ocorrida em suas figuras tenha sido o furo nos olhos, um tributo comovido a seu marido cego, fato ocorrido em 1973 que persiste até os dias atuais. Marca essa, que as deixam com ar de melancolia, a pesar de sua aparência rude.

Ana Leopoldina ganhou fama ao ser descoberta, por volta de 1970, pelos técnicos em turismo Olímpio Bonald Neto e Francisco Bandeira de Mello, assessores do então presidente da Empetur, Eduardo Vasconcelos, que viajavam pelo Sertão, em trabalho de pesquisa sobre o artesanato pernambucano.

Artista popular internacionalmente conhecida, tem um verdadeiro amor a uma terra que há 40 anos lhe concede a fartura da argila.

Em seu currículo repleto de congratulações, homenagens, troféus, medalhas e tendo o prazer de ostentar o troféu do Conselho Municipal de Cultura de Recife como personalidade que se destacou nas artes, Ana Leopoldina Santos foi chamada de vários codinomes: Ana Louçeira, Ana do Cego, A Dama do Barro, mas **Ana das Carrancas** aflorou sua fama, levando ele e o de Petrolina, para participações em encontros de artesanato nacionais e internacionais.

"Quando Jesus me chamar, espero estar preparada pra viajar. Mas onde encontrarem o caco de uma orelha de barro, digam ao menos, que Ana passou por aqui e deixou saudades", diz Ana das Carrancas.

PRÊMIOS E CONDECORAÇÕES

1975	V Temp. Univ. Juazeiro - 1º Lugar
1977	Festival CODEVASF - 1º Lugar
1981	Medalha Centro de Cultura Popular Luisa Maciel - Caruaru/PE
1994	Troféu Artesão SINDARPE – Sindicato dos Artesãos de Pernambuco - Recife/PE
1995	Troféu Construtores da Cultura - Prefeitura da Cidade do Recife Medalha Honra ao Mérito Fundação Joaquim Nabuco
1998	Homenagem Trabalhadores em Educação de Pernambuco - SINTEPE

2000	Título Cidadã Petrolinense - Câmara de Vereadores de Petrolina/PE
2001	Troféu Homenageado do Século XX - Baile Municipal do Recife
2003	Medalha Honra ao Mérito Senador Nilo Coelho do Mérito Petrolinense

Endereço:
Rod. BR 407, 500 - Cohab Massangano
Petrolina/PE
Fone: (87) 3863 – 6061
Horário de Atendimento: 08:00 às 18:00

Email: anadascarrancas@bol.com.br
Site: www.anadascarrancas.hpg.com.br